

Pontes para o Céu. Os legados testamentários a pontes na Galiza medieval (séculos XII a XIV)

Rúben Filipe Teixeira da Conceição¹ - CITCEM-FLUP/USC

1. Introdução

A análise dos testamentos medievais tem uma longa tradição, com o objetivo de perceber mentalidade de outrora no momento finito da vida terrena. Este estudo pretende aprofundar o impacto que os legados testamentários tiveram na construção e manutenção de pontes na Galiza entre os finais dos séculos XII e XIV. Através da análise do CORPUS documental que temos à nossa disposição, procuraremos averiguar a existência de tendências cronológicas, bem como perceber quem eram os testadores e qual o impacto da sua ação nas estruturas recetoras destes legados. Paralelamente, tentaremos entender qual a distribuição geográfica destas pontes e a sua relação com a rede viária.

No século XI, generaliza-se a doutrina do purgatório em oposição às crenças pagãs, que defendiam que o defunto devia viajar “através de regiões inóspitas e desconhecidas, até chegar ao destino eterno” (Mattoso 1992: 18-21). Com a mudança de paradigma, ao conceber-se um lugar onde a alma seria progressivamente purificada (Thomaz 2001: 182), os indivíduos —desde o mais simples camponês ao mais rico dos monarcas ou ao mais pio dos eclesiásticos— delegavam em pessoas da sua confiança as capacidades e os meios necessários, com o objetivo de saldar, para lá da morte física, qualquer dívida —moral ou financeira— contraída ao longo da vida terrena. Ao mesmo tempo, o testador procurava “eternizar a sua presença na terra” (Vilar/Silva 1992: 41), ao definir o valor e os beneficiários e, consequentemente, o impacto social das suas mandas. Desta

1 Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto de doutoramento *Vias Medievais. Entre o Sul da Galiza e o Norte de Portugal (1220 a 1311)*, realizado ao abrigo de uma cotutela entre as Universidades do Porto e de Santiago de Compostela, e financiado pela FCT (<https://doi.org/10.54499/2021.05262.BD>). O autor é ainda Colaborador do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura Espaço e Memória” (CITCEM) (unidade de I&D 4059 da FCT). DOI institucional: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>. O autor escreve em português, segundo o novo acordo ortográfico. No que toca aos topónimos e antropónimos, utilizou-se a formulação oficial em galego, com o auxílio da plataforma *Nomenclátor de Galicia*. Quanto aos nomes próprios, optamos por figurar a transcrição, podendo determinados nomes aparecer em castelhano e outros em galego. Em relação aos números apresentados, figuram por extenso sempre que são em valor inferior a 10, enquanto nos valores superiores são apresentados em numeral.

forma, desdobram-se os recetores, desde as catedrais aos mosteiros, albergarias ou gafarias, até a pequenas igrejas e eremitérios.

As pontes também são, embora em menor número, alvo de atenção, pela sua importância socioeconómica, mas também pela conotação mística que comportam. Localizadas sobre cursos de água estão, invariavelmente, conotadas à pureza e à hospitalidade, mas também ao diabo. Eternizadas no ideário popular através de inúmeras lendas, a interceção de santos foi fundamental para a construção de muitas destas estruturas (Vaz 2014: 148-151). Tomemos como exemplos São Domingo da Calzada em La Rioja, São João de Ortega em Castela, São Telmo na Galiza, São Gonçalo de Amarante em Portugal ou São Armengol na Catalunha (Durán Fuentes 2014: 102).

Ainda neste âmbito, são vários os estudos que surgem e que ultrapassam as fronteiras do território galego. Veja-se o artigo de Saturnino Ruiz de Loizaga (2008), focado na importância da ação papal no apoio às pontes e hospitais existentes ao longo do “Caminho de Santiago”, mas também nos estudos focados noutros espaços, como Portugal (Resende 2023: 81-82; Conceição 2022), Aragão (Iranzo Muñío 2022; Bowman 2002), Al Andalus (García Sanjuán 2007), França (Ghilardi et al. 2015; Coupland 1991) ou Inglaterra (Cooper 2006: 125-126; Harrison 2004: 193-199), ultrapassando fronteiras políticas, geográficas e culturais.

2. Apresentação do corpus documental

Tenhamos em mente que as pontes são referidas em diversos tipos de documentos e contextos. Exemplo disso é a ponte de Sarandón (c. Vedra, p. Pontevedra), mencionada num testamento de 1180, como forma de identificar o local de morada do presbítero Martinho Pelágio (Franco Espiño 2000: 102). Paralelamente, estruturas como a ponte de Goó (c. O Incio, p. Lugo), datada de 791, ou a de Tedós (c. Lobeira, p. Ourense), de meados do século X, são mencionadas aquando da delimitação de propriedades (Ferreira Priegue 1988: 228 nota 633). Mas o pergaminho não era o único suporte de escrita utilizado, conhecendo-se a data de construção de várias destas estruturas através da epigrafia (Barroca 2000: I 330, nota 159; Bouza Brey 1965).

No que toca aos testamentos com legados a pontes, foi possível compilar 86 documentos, com o primeiro a ser redigido em 1191 e direcionado à ponte de Ourense (Vaquero Díaz/Pérez Rodríguez 2010: 148)², e o último em 1400 às pontes Maceira e Nafonso (Román 1901: 611). Estes são oriundos de 21 centros produtores de documentação, nomeadamente: as catedrais de Braga, Lugo, Ourense e Santiago de Compostela, responsáveis por 41 dos documentos; a confraria de S. João do Souto de Braga e a colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, com um e dois documentos, respetivamente; e 15 mosteiros galegos, num total de 42 documentos, destacando-se Montederramo, Oseira, Ferreira de Pallares e Melón, que em conjunto contêm 30 dos testamentos produzidos em âmbito monástico (ver Gráfico 1).

2 No documento aparece como “Ponti”. Assumimos como se referindo à ponte de Ourense, pela proximidade geográfica, já que Penavixia é um dos bairros de Ourense.

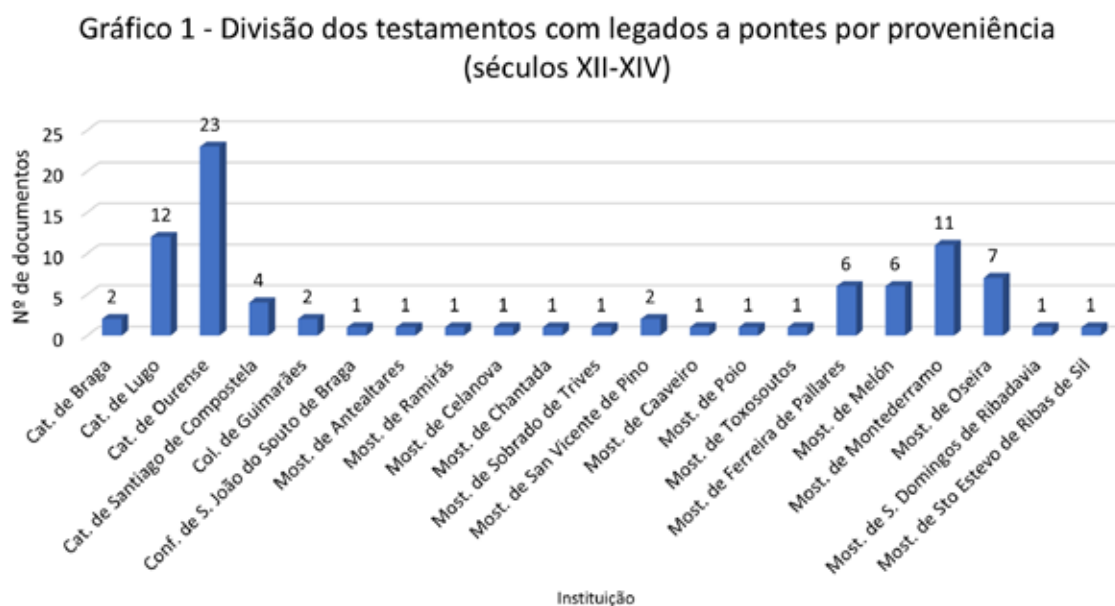


Gráfico 1. Divisão dos testamentos com legados a pontes por proveniência (séculos XII-XIV)

A discrepância entre as diferentes instituições religiosas é notória. Tal pode dever-se ao número total de documentos preservados em cada uma, mas também ao facto dos testamentos serem uma das tipologias documentais com menor presença dentro destes fundos. Um terceiro ponto a ter em conta é que mesmo nos testamentos, a presença de legados a pontes é também diminuta, por haver uma maior ênfase em saldar dívidas e em beneficiar outras obras, como as catedrais e mosteiros, às quais o testador teria uma maior ligação afetiva e/ou institucional.

No que toca aos mosteiros, a maior parte da documentação é oriunda de instituições da atual província de Ourense e que já foram alvo de amplos estudos por parte de historiadores galegos, como são os casos de Montederramo (Lorenzo Vázquez 2019) e de Melón (Soto Lamas 1992; Losada Meléndez 1992; Cambón Suárez 1957). Porém, há que destacar o caso do fundo monacal de Celanova, que apenas contém um testamento: trata-se daquele de Martin Leboeyro, de 1287, no qual lega à ponte de Ourense o seu “manto et o pelothe et a saya” (Vaquero Díaz 2004: I 115). Paralelamente, as fontes documentais analisadas para as dioceses de Lugo e de Santiago de Compostela contêm sobretudo documentação do século XIV adiante, período em que o declínio dos legados a pontes parece ser uma realidade, sobretudo a partir do segundo quartil (ver Gráfico 2).

De notar ainda a existência de documentos oriundos de Portugal, quer da catedral bracarense, quer da colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães e da confraria de São João do Souto de Braga. Trata-se de cinco documentos, produzidos entre 1263 e 1291, sendo que a maioria dos legados são dirigidos à ponte de Ourense, à exceção de Domingos Pires, que deixa também legados à ponte Sampaio e à de Pontevedra (Marques 1982: 45-46). Todavia, não parece existir uma ligação direta que justifique o motivo da escolha dos testadores por estas estruturas, sendo que todos deixam legados a outras pontes em território português.

Relativamente à divisão temporal da informação, optamos por dividi-la em períodos cronológicos de 25 anos, de forma a permitir uma análise mais cuidada (Gráfico 2).



Gráfico 2. Testamentos com legados a pontes (séculos XII-XIV)

No que diz respeito ao período até 1200, contam-se apenas três documentos, todos da última década do século XII. O primeiro, de 1191, é de Azenda Peláez de Penavixía (bairro de Ourense) (Vaquero Díaz 2004: I 115), que lega um soldo à ponte de Ourense. Outro testamento que também tem esta estrutura como beneficiária é o de Dona Urraca Fernandes de Trava, datado de 1199, no qual a testadora deixa em legado uma série de bens móveis e imóveis que detinha e outros que lhe eram devidos (Souto Cabo 2012: 291-292). Nesse mesmo ano, Exemena Froilaz lega às pontes de Lugo e à de Ombreiro —nas proximidades de Lugo— dez e cinco soldos, respetivamente (Rodríguez Sánchez/González Murado/Doval García 2015: 58).

No quartil seguinte surgem mais sete documentos, com novos legados às estruturas de Ourense e de Lugo. São contempladas ainda a ponte Pedriña, junto a Ourense (Vaquero Díaz 2004: I 249), bem como a ponte Castrelo, sobre o rio Minho (Cambón Suárez 1957: 723), fazendo estas parte da ligação entre a urbe ourensana e o burgo de Ribadavia. Outra estrutura é a ponte Pias ou Nafonso, que no testamento de D. Xoán Fróilaz Mariño “O Vello”, datado de 1220, é contemplada com avultados legados para a sua manutenção, cuja gestão ficaria a cargo do mosteiro de San Xusto de Toxosoutos (Pérez Rodríguez 2004: 101).

O período principal da análise decorre entre 1226 e 1300, concentrando 58 dos 86 testamentos (67%) e 77 dos 109 legados (71%) em 15 das 20 estruturas. As principais beneficiárias são as de Ourense, com 31 legados, e as de Torrón (Vaquero Díaz/Pérez Rodríguez 2010: 144), de Castrelo do Minho e de Lugo, com 11, nove e seis, respetivamente. Também a ponte de Ombreiro e a Ponte Pedriña voltam a ser contempladas.

Outras construções também recebem legados, como as pontes Sampaio (Romaní Martínez 1989: I 283)³ e a de Pontevedra (Marques 1982: 45-46), ambas de fábrica romana, ou a de Ribadavia (Souto Cabo 2012: 312) e outras nas proximidades desta última localidade, como a de Brul (Romaní Martínez 1989: I 283) e a de Deva (Lucas Álvarez/ Lucas Domínguez 1988: 445). Paralelamente, as pontes de Belesar (Ferreira Priegue 1988: 194, nota 511), de Ledesma (Ro-

3 Lega 1 soldo a cada uma das estruturas, mais outro à ponte Castrelo.

mán 1901: 271), de Portomarín (Vaquero Díaz/Pérez Rodríguez 2010: 458) e de Verín (Lorenzo Vázquez 2019: 663 e 904) também são alvo da atenção por parte de testadores. Surge um último testamento, de Vicente Perez, capelão de San Vicente de Pino de Monforte de Lemos, que lega 100 soldos às “pontes et per obras” (Rodríguez Fernández 1990: 265).

Entrados no século XIV o panorama altera-se. Até 1400 são 18 documentos, num total de 20 legados. Destes, metade referem-se ao período até 1325 e têm como beneficiárias as pontes de Ourense, Castrelo do Minho, Belesar, Lugo e Verín, em linha com o que temos vindo a analisar. Nos quartis seguintes a tendência é de queda acentuada, com sete legados entre 1326 e 1361, dos quais se destaca aquele direccionado à ponte de Monforte de Lemos, de Juan Sobrote (Rodríguez Fernández 1990: 277), e a manda de Martiño Eanes, dito do Río, que em 1348 lega imóveis para financiar uma ponte nas proximidades de Castro Caldelas (Lorenzo Vázquez 2019: 1635). O século termina com dois documentos, sendo que através do primeiro, a ponte de Pontedeume é beneficiada com 40 soldos anuais (Fernández de Viana y Vieites/González Balasch 2002: 377-378). No segundo são consagrados 200 morabitanos à ponte Maceira e à ponte Nafonso, 100 para cada estrutura (Román 1901: 611).

Ainda nesta matéria, procuramos perceber qual a correlação entre legados e os testamentos (Gráfico 3), sendo que no geral, a média de legados por testamento cifra-se em 1,2 referências por documento. Os períodos em que este valor é mais elevado são entre 1251-1275 e 1376-1400, com 1,5 legados por testamento. No sentido oposto, entre 1326-1350 e 1351-1375 existe apenas um legado a pontes por documento.

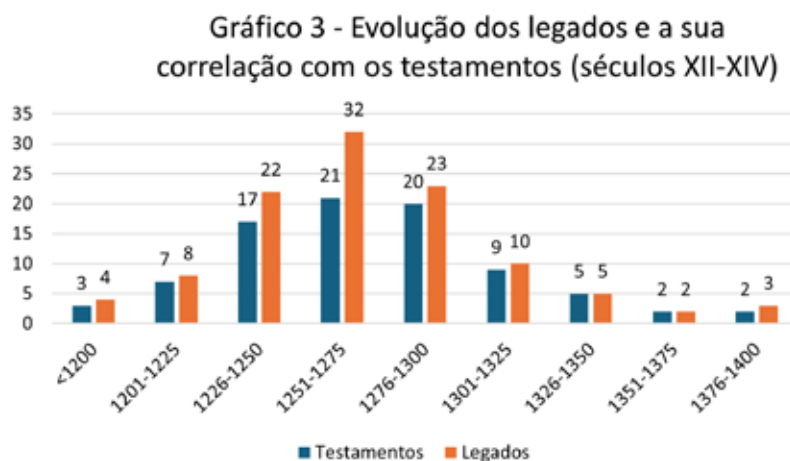
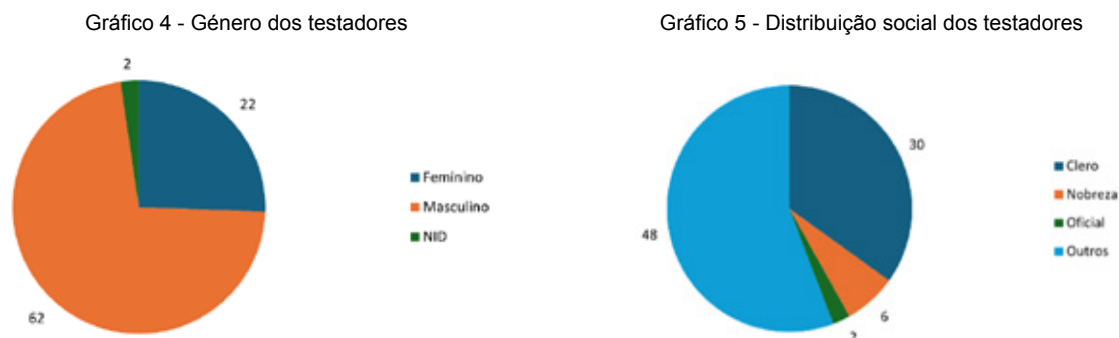


Gráfico 3. Evolução dos legados e a sua correlação com os testamentos (séculos XII-XIV)

Importa também saber quem testa. Dos 86 testamentos em análise, 62 são de homens e 22 de mulheres⁴, existindo uma predominância do género masculino face ao feminino, numa pro-

4 Contam-se ainda duas referências que não foi possível identificar. Isto deve-se por a informação nos chegar de forma indireta, através do estudo de Elisa Ferreira Priegue (1988: 100, nota 167 e 194, nota 511), sendo que a autora apenas refere o valor dos legados e as pontes a que são atribuídos, omitindo qualquer informação acerca dos testadores.

porção de 3 para 1 (Gráfico 4). Isto é parcialmente explicado pelo facto de 36 dos 38 testamentos do clero, nobreza e oficiais serem de homens, com a exceção de Dona Teresa Suárez, abadessa do mosteiro de San Pedro de Ramirás, e de Dona Urraca Fernandes de Trava. A categoria “outros” inclui os testadores cuja categoria social não foi possível identificar, sendo que o desequilíbrio entre géneros é menor, com 26 de homens e 20 de mulheres (Gráfico 5).



Gráficos 4 e 5. Género dos testadores e Distribuição social dos testadores

3. Distribuição geográfica dos legados

Num território tão vasto como o da Galiza, torna-se difícil à partida identificar uma distribuição homogénea das pontes beneficiadas. Procuramos então enquadrá-las em duas componentes, nomeadamente a sua relação com os “Caminhos de Santiago” e a sua inclusão em vias de âmbito regional (ver Imagem 3 e Tabela 2).

3.1. As pontes e as rotas de peregrinação a Santiago de Compostela

Para o efeito utilizaremos os caminhos considerados oficiais pela Xunta de Galicia⁵. Na sua base estão itinerários centenários, cuja utilização extravasava a motivação religiosa, aproximando comunidades e promovendo as trocas comerciais. Neste âmbito, são 10 as estruturas que aqui iremos abordar.

A Norte, no “Caminho Inglês”, a ponte de Pontedeume recebe um legado anual de 40 soldos de Maior Pérez da Ribeira. Esta manda, referida num documento de 1396, é parte do pagamento de uma dívida a Xoán Alfonso, cónego do mosteiro de San Xoán de Caaveiro, servindo para o efeito os rendimentos de uma vinha da testadora (Castro Álvarez/Fernández de Viana y Vieites/González Balasch 1999: 377-378).

5 São eles o caminho Francês (por O Cebreiro), o do Norte (por Mondoñedo), o Primitivo (oriundo de Oviedo), a Via da Prata (proveniente do sul da Península, entra na Galiza por Verín e por A Mezquita), o Português (que entra em território galego por Tui), o Inglês (servindo-se dos portos de Ferrol e da Corunha) e ainda o caminho até Fisterra e Muxía. Cartograficamente, apenas fazemos representar os traçados em território galego. Para mais informações, veja-se <https://ari-igvs.xunta.gal/es/ari-dos-caminhos-de-santiago>.

No percurso do “Caminho Primitivo” —conhecido assim por ter sido o primeiro a ser percorrido, pelo então monarca asturiano-galaico Afonso II, “O Casto”— encontramos Lugo, cabeça de diocese e importante nó viário desde o período romano. A ponte que aí se ergue sobre o rio Minho e datada desde o século I d.C. (Durán Fuentes 2013: 243), recebe legados entre 1199 e 1327, reflexo da sua importância. O facto de seis destas mandas datarem entre 1310 e 1327, pode indicar uma maior necessidade no que toca à sua manutenção, presumindo-se ser esse o momento em que a fisionomia da estrutura é alterada, passando de um perfil horizontal para outro em cavalete (Durán Fuentes 2013: 244).

Cerca de 30 quilómetros a jusante ergue-se a ponte de Portomarín, junto à comenda da Ordem do Hospital e ponto de passagem obrigatório para aqueles que, seguindo o “Caminho Francês”, queriam atingir Compostela. De origem romana, a PONTEM MINEI aparece referida pelo menos desde 1126, na doação que Afonso VII faz a Pedro Peregrino da igreja de Santa María de Portomarín, e na qual é referida também a existência de um hospital (Recuero Astray et al 1998: 17). Todavia, os legados à ponte são raros, contando-se um único legado em 1281, no valor de 50 soldos (Vaquero Díaz/Pérez Rodríguez 2010: 458). Outros testamentos contemplam diversas obras e estruturas em Portomarín, nomeadamente o hospital e igrejas, levando-nos a crer que a manutenção da ponte estaria garantida por outros meios, privilegiando-se assim os legados para o apoio a peregrinos e a outros viajantes.

Ainda sobre o Minho encontramos a ponte de Belesar, perto de Chantada, que recebe um legado em 1241 (Ferreira Priegue 1988: 194, nota 511) e outro em 1309 (Méndez Pérez/Piñeyro Maseda/Romaní Martínez 2016: 227), estando integrada no chamado “Caminho de Inverno”. Este itinerário, que estabelecia a ligação entre Ponferrada e o vale do rio Sil a Lalín, passando por Quiroga, Monforte de Lemos e Chantada, serviria como alternativa ao “Caminho Francês” durante o inverno, evitando o trânsito por áreas mais montanhosas, como a região de O Cebreiro⁶. É neste percurso que encontramos mais uma ponte com legados, desta vez em Monforte de Lemos, presente no testamento de Juan Sobrote de 1333 (Rodríguez Fernández 1990: 277). Segundo Luis Ibáñez Beltrán, este era um dos três elementos estruturantes no território sob o controlo do novo burgo de Pino, existindo referências documentais à sua existência pelo menos desde 1193 (Ibáñez Beltrán 2017: 148)⁷.

Uma das pontes mais relevantes deste estudo é a de Ourense (Imagem 1). Erguida pelos romanos sobre o rio Minho e reedificada no período medieval (Durán Fuentes 2004: 212-219), é de longe a ponte que mais atenção recebe, concentrando 42 dos 109 legados registados⁸. Acresce que destes, 36 referem-se ao período entre 1238 e 1308, o que equivale a um legado a cada dois anos, o que aponta para um período de grande necessidade no que toca à manutenção da estrutura.

6 <https://www.caminodesantiago.gal/pt/planifique/os-itinerarios/camino-de-inverno>.

7 Todavia, é importante referir que ainda na década de 1190 e por ordem de Afonso IX, o burgo será desmantelado e a poucos metros será fundada a vila de Monforte. Sobre isto, veja-se Ibáñez Beltrán 2019: 539-552.

8 Cinco dos legados são de origem portuguesa, nomeadamente de Guimarães e Braga.

De referir que, pelo menos desde 1258, aparece documentada a figura do “procurador da ponte” (Vaquero Díaz/Pérez Rodríguez 2010: 274). Acreditamos que seria a pessoa responsável pelo bom uso e conservação da estrutura, e provavelmente por cobrar portagem —como do vinho que seguia para Compostela (Vaquero Díaz/Pérez Rodríguez 2010: 99-100)— a quem quisesse transpor o Minho de forma segura, em oposição às barcas e vaus aí existentes (Rivas Fernández 1978: 215-275).

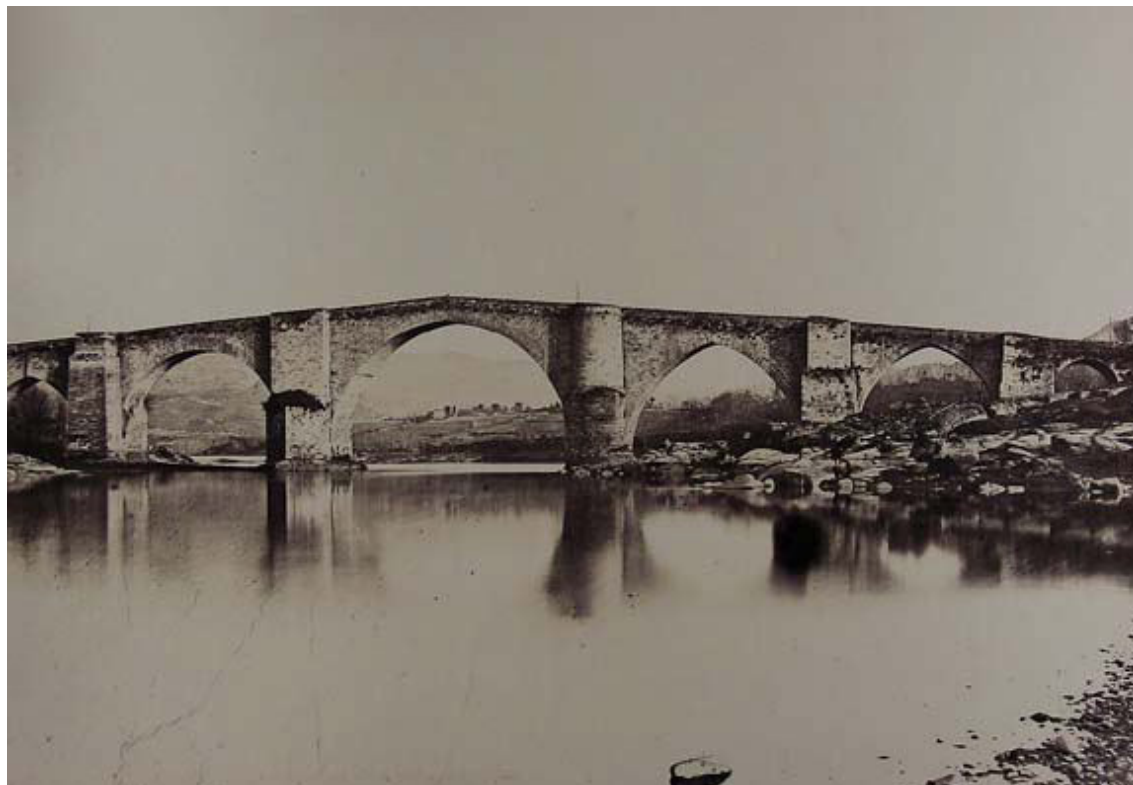


Imagem 1. Por Jean Laurent (1867) - Biblioteca Virtual del Patrimonio Bibliográfico, Domínio público, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=47608844>

Nos itinerários da Xunta da Galicia, esta ponte está incluída no traçado que ficou conhecido como “Via da Prata”⁹, que ligava EMERITA AUGUSTA (Mérida) a ASTURICA AUGUSTA (Astorga). Apesar do itinerário principal da “Via” não entrar em território galego, algumas das suas ramificações sim, quer por A Mezquita, quer por Verín. Este último núcleo urbano, localizado sob a cidadela de Monterrei, viu a sua importância na rede viária regional crescer ao longo da Baixa Idade Média, por ser o ponto de chegada e de partida dos caminhos oriundos de Chaves (Sul), de Puebla de Sanabria e A Gudiña (Leste) e Xinzo de Limia, Allariz e Ourense (Norte). Sinal disso são os vários legados à ponte sobre o rio Tâmega entre 1290 e 1318, a feira referida desde 1293 (Vaquero Díaz 2004: I 125) ou a fundação em 1320, por Martiño Paz e a sua mulher, de uma albergaria em Monterrei dedicada ao Espírito Santo e vocacionada ao acolhimento de pobres e órfãos (Lorenzo Vázquez 2019: 1055-1056).

⁹ <https://www.caminodesantiago.gal/pt/planifique/os-itinerarios/via-da-prata>.

Enquadradas no “Caminhos Português” temos duas pontes: a de Sampaio e a de Pontevedra. A primeira documentada desde 820 (Ávila y La Cueva 1995: 85) e onde existiria uma portagem até meados do século XI, recebeu quatro legados entre 1227 e 1272, incluindo de Domingos Pires, cidadão de Braga, sendo este o único testador que visa a ponte de Pontevedra, com meio morabitino —bem como à de Ourense— antes de partir em peregrinação a Santa Maria de Rocamador (Marques 1982: 45-46).

Por último e localizada no caminho entre Santiago e Fisterra, encontramos a ponte Maceira, que em 1400 recebe um legado de 100 morabitanos por parte do escudeiro D. Juan Núñez de Isorna, pai do arcebispo compostelano D. Álvaro de Isorna (Román 1901: 611).

3.2. Vias de âmbito regional

Em segundo plano aparecem as restantes 10 pontes. Começamos com a ponte Nafonso —ou ponte Pia— sobre o rio Tambre, ligando Noia ao caminho entre Santiago e Fisterra. Em 1220 esta ponte recebe um avultado legado da parte de Don Xoán Fróilaz Mariño “O Vello”, no qual se incluem 10 casais e uma grande quantidade de animais —21 éguas e cavalos, 30 vacas com o seu touro e bezerros—, utensílios e ferramentas várias, deixando tudo à guarda do mosteiro de San Xusto de Toxosoutos para que investissem na construção da dita ponte, que deveria ter pilares em pedra e tabuleiro em traves de madeira (Pérez Rodríguez 2004: 101-102). A ponte voltará a receber pelo menos mais um legado, da parte de D. Juan Núñez de Isorna, no valor de 100 morabitanos (Román 1901: 611)¹⁰.

A sul de Santiago e sobre o rio Ulla, encontramos a ponte Ledesma, nas proximidades do mosteiro de San Salvador de Camanzo, tendo esta estrutura recebido um legado de 50 soldos em 1276, pela mão de D. Gonzalo Ruiz de Bendaña (Román 1901: 271). Esta ligaria Bandeira e Compostela através de um caminho complementar aquele oriundo de Ourense, servindo, além do mosteiro de Camanzo, os cenóbios de San Pedro de Ansemil e de San Lourenzo de Carboeiro.

A norte de Lugo localiza-se a ponte Ombreiro, cuja cronologia foi já alvo de análise por Elisa Ferreira Priegue (1988: 242). Recetora de legados ao longo do século XIII¹¹, era parte integrante das ligações entre Lugo e os espaços a noroeste.

É na atual província de Ourense que encontramos as restantes referências. A primeira ponte seria a ponte de Torrón, que recebe 11 legados entre 1248 e 1282. Cremos ter-se tratado de uma tentativa gorada de erguer uma estrutura em O Torrón (c. Pantón, p. Lugo), no local onde o rio Sil encontra o rio Minho e perto do mosteiro de San Vicente de Pombeiro (Imagem 2). Esta hipótese é reforçada pela proximidade da localidade de Os Peares, na margem direita do Minho, bem como pela existência de uma barca que garantia a passagem entre as duas margens do Sil, no caminho entre Ourense e Monforte de Lemos, a par de outra a montante (Ferreira Priegue 1988: 160).

10 Elisa Ferreira Priegue (1988: 49) refere-se à mesma informação, datando-a de 1170, sendo que o documento por nós consultado inicia com “Svb era I^a CC^a I^a VIII^a et quatum XVI kalendas nouenbris”. Caso se trate do mesmo documento em análise, existe um erro de transcrição.

11 Foi possível apurar legados em quatro testamentos, nomeadamente em 1199, 1239, 1262 e 1272.

Pontes para o Céu. Os legados testamentários a pontes na Galiza medieval (séculos XII a XIV)

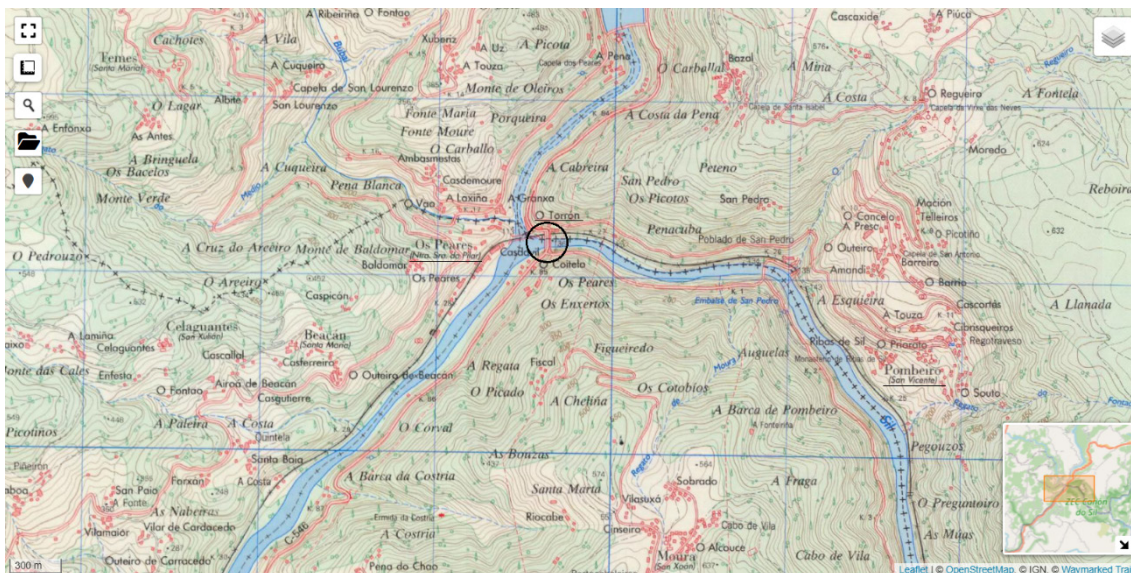


Imagem 2. Confluência dos rios Sil e Minho em O Torrón, parq. Pombeiro (San Vicente), c. Pantón, prov. de Lugo. 1ª edição MTN25 Fonte: <https://www.geamap.com/pt/Espanhol#zoom=14.5&lat=42.45152&lon=-7.72695&layer=7&overlays=FFFFFFFFFFFFFFFFFFFFFFFFFFFFFT>

Numa breve análise dos valores que lhe são legados (Tabela 1), é possível perceber que seis são de eclesiásticos pertencentes à catedral de Ourense, sendo que as mandas mais significativas são os 500 soldos legados pelo arcediogo D. Arias Pérez e os 300 do deão D. Alfonso. Contam-se ainda 100 soldos legados pelo raçoeiro Martín Fernández, sendo que entre os cônegos, as somas variam entre os 25 e os 100 soldos. Relativamente aos demais testadores, contam-se as mandas de três mulheres, com Dona María Vásquez a legar o valor mais alto, num total de 50 soldos, em oposição à soma mais baixa, de um soldo, por parte de Bartolomé Pérez. Tendo em conta que a maior parte dos legados se situa entre 1249 e 1264, estimamos que este seja o período principal da tentativa de construção da ponte.

Data	Nome	Função	Legado	Fonte
1248/04/01	D. Juan Vivianiéz	Cónego de Ourense	50 soldos	p. 144
1249/08/25	D. Alfonso	Deão de Ourense	300 soldos	p. 158
1250/02/10	Dona María Vásquez	Cidadã	50 soldos	p. 164
1251/05/07	D. Martín Fernández	Cónego de Ourense	25 soldos	p. 171
1252/01/16	Dona María Pérez	Cidadã	10 soldos	p. 177
1255/03/17	D. Bernando	Cónego de Ourense	100 soldos	p. 223
1263/12/27	Bartolomé Pérez	Cidadão	1 soldo	p. 334
1264/08/01	Lorenzo Martínez	Cavaleiro de Pazos	10 soldos	p. 341
1272/03/24-25	Urraca Estévez	Cidadã	10 soldos	p. 399
1282/06/17	Martín Fernández	Raçoeiro de Ourense	100 soldos	p. 461
1282/12/05	D. Arias Pérez «Escualo»	Arcediago de Ourense	500 soldos	p. 468

Tabela 1. Testamentos redigidos à ponte Torrón¹²

12 Todas as referências presentes na tabela 1 são de documentos provenientes de Vaquero Díaz/Pérez Rodríguez 2010.

Sobre o rio Edo, próximo a Castro Caldelas, encontramos outra ponte, com Martiño Eanes a legar as casas que tinha no Castro. Estas deveriam ser vendidas, com o dinheiro daí obtido a ter de ser usado para terminar a estrutura que o próprio havia começado (Lorenzo Vázquez 2019: 1635), não se conhecendo os motivos que o levaram a tal empreitada. Certo é que uma vez finalizada, terá contribuído para melhorar a ligação entre Castro Caldelas e aquele que seria um dos principais itinerários da região, a via romana XVIII, também conhecida por “Via Nova”, e que ligaria BRACARA AUGUSTA (Braga) a ASTURICA AUGUSTA (Astorga) pelos vales dos rios Homem e Lima, Xinzo de Limia, Maceda, Caldelas e Trives, até chegar ao vale do rio Sil, seguindo depois por Valdeorras e entrando em León por Puente de Domingo Flórez, seguindo até Astorga (Rodríguez Colmenero 1976: 43-61).

Na zona extramuros de Ourense, sobre o rio Barbaña, encontra-se a ponte Pedriña, a meio caminho da ponte de Ourense. Tendo recebido dois legados, um em 1208 e outro em 1255¹³, é parte integrante da via que ligava a Piñor e Toén, seguindo até Ribadavia pela margem esquerda do Minho. Sob a vigilância do castelo de Castrelo de Veiga, o caminho passava para a margem contrária pela ponte de Castrelo do Minho, sendo que dos 12 legados que recebeu —é a terceira estrutura com mais referências—, 10 foram entre 1218 e 1257, o que indica um período de maior intervenção na ponte. Acresce que no legado de 50 maravedis, de 1361, é utilizada a expressão “se se feses” (Enriquez Paradela 1987: 68)¹⁴, o que é interpretado por Elisa Ferreira Priegue (1988: 49) como uma reconstrução, dado o historial acidentado da estrutura. O caminho seguiria por Ventosela até ao burgo de Ribadavia, ao qual acedia pela ponte com o mesmo nome e que em 1257 recebeu um legado de 10 soldos (Souto Cabo 2012: 283).

A sul de Ribadavia deparamo-nos com a ponte de Brul, em Francelos, que em 1227 recebeu um soldo de Maria Perez (Romaní Martínez 1989: I 283). Daqui o caminho bifurcava, ora rumo ao mosteiro de Santa María de Melón e daí para o litoral, ora rumo à barca de Reza, seguindo para Sul até ao vale do rio Deva, onde encontramos a última das pontes em análise, a ponte Deva. Localizada a meio caminho entre Ribadavia e o território português, aqui se juntavam os vários itinerários oriundos de Melgaço e Castro Laboreiro, de Celanova e Milmanda, bem como de Lobeira e do vale do rio Lima. Este é o único registo de um legado atribuído a pontes por parte de uma eclesiástica, nomeadamente pela abadessa do mosteiro de San Pedro de Ramirás, Dona Teresa Suárez, cujo testamento é datado de 1295 (Lucas Álvarez/ Lucas Domínguez 1988: 445).

13 1208 —“Ponti Barbanie II sólidos”. (Vaquero Díaz/Pérez Rodríguez 2010: 249); 1255— “Ponti de Barbania solidos X” (Vaquero Díaz/Pérez Rodríguez 2010: 223).

14 “Item mando aa ponte de Castrello se se feses çinquenta moravedis”.

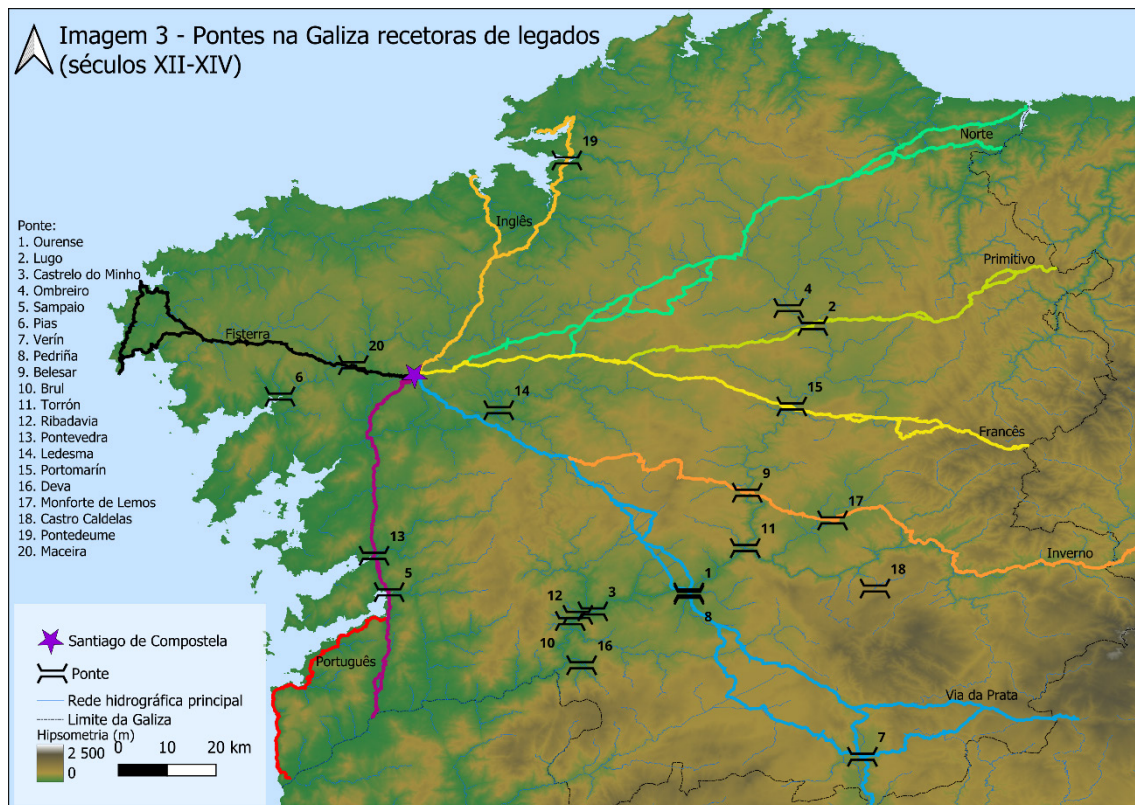


Imagem 3. Pontes na Galiza recetoras de legados (séculos XII-XIV). Mapa do autor.

4. Considerações finais

O propósito deste ensaio foi simples: aferir o impacto dos legados testamentários a pontes na rede viária da Galiza medieval. E tiveram, porque embora se trate de um número reduzido de estruturas —20 no total, uma fração das que existiriam à época— a concentração de legados num número reduzido de estruturas vem reforçar a importância de cada uma destas na rede. Realçam-se as pontes sobre o rio Minho e os seus afluentes (13 em 20), inseridas nos principais trajetos regionais, e que por isso sofriam um maior desgaste, levando à necessidade de reparações constantes e, não raras vezes, a reconstruções parciais ou totais, como aconteceu com as pontes de Ourense ou de Castelo do Minho.

Alguns destes percursos remontam ao período romano e subsistem no que hoje conhecemos como “Caminho de Santiago”, que desde 1993 obteve um novo impulso com o Jubileu, e que todos os anos leva milhares de peregrinos a calcorreá-los até Compostela. Outras, como a ponte Pias ou a de Verín, construídas no período medieval, não são apenas um reflexo do crescimento socioeconómico verificado nos últimos séculos da Idade Média, como continuam a ter um papel na rede de caminhos.

Ao nível de tendências, torna-se claro que esta é uma prática com limites cronológicos bem definidos. Pese embora algumas exceções, podemos afirmar com segurança que está circunscrita ao século XIII e às primeiras décadas do século XIV. Quanto aos testadores, é mais visível em testamentos de pessoas do género masculino.

Mais. O ato de legar procurava obter impacto, quer no testador, quer no recetor do legado, e quem testava tinha noção disso. Será por isso que esta prática parece ser mais comum entre o clero e o povo? Além disso, como se justifica que cinco dos indivíduos analisados, todos habitantes de Braga ou de Guimarães, deixassem legados a estruturas localizadas a 100 ou mais quilómetros de distância? Porquê as pontes de Ourense, Sampaio ou Pontevedra e não outras, sobretudo quando estes testadores também deixam legados a estruturas em território português? É que a fé e o culto ao Apóstolo Tiago Maior não justificam tudo, de modo que estas pessoas teriam de ter algum tipo de conhecimento acerca destas estruturas, fosse por experiência própria, fosse pela de outros (viagens de comércio, peregrinações, etc.).

Procuramos assim responder ao propósito deste ensaio e lança-se o repto para investigações vindouras, onde o acesso a mais documentação, sobretudo aquela que continua inédita em fundos como os da catedral de Tui, possa vir a aprofundar os dados aqui disponibilizados.

Bibliografia

Fontes

- Ávila y La Cueva, Francisco (1995): *Historia civil y eclesiástica de la ciudad de Tuy y su obispado 1852. Facsímile*, Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega. Ponencia de Patrimonio Histórico. 1ª edición.
- Cambón Suárez, Segundo (1957): *El Monasterio de Santa María de Melón (siglos XII-XIII)*, Tesis Doctoral inédita, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Castro Álvarez, Carlos de/Fernández de Viana y Vieites, José Ignacio/González Balasch, María Teresa (eds.) (1999): *El monasterio de San Juan de Caaveiro*, A Coruña: Deputación Provincial de A Coruña.
- Enriquez Paradela, M^a del Carmen (1987): *El monasterio y convento de Santo Domingo de Ribadavia. Colección diplomática*, Ourense: Museo Arqueológico Provincial. Boletín Auriense Anexo 8.
- Fernández de Viana y Vieites, José Ignacio/González Balasch, María Teresa (2002): “Pergamiños soltos do Mosteiro de Caaveiro”. *Cátedra. Revista Eumesa de Estudios* 9, pp. 337-448.
- Franco Espiño, Beatriz (2000): *El Monasterio de Santa María de Armenteira: orígenes y primer desarrollo del dominio monástico (1151-1250)*, Memoria de Licenciatura, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Lorenzo Vázquez, Ramón (2019): *Mosteiro de Montederramo. Colección documental e índices*. Colaboración de Maka Pérez, Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega [<https://consellodacultura.gal/publicacion.php?id=4340>; 04/01/2025].
- Losada Meléndez, María José (1992): *La colección diplomática del monasterio cisterciense de Melón, Orense (pergamino de la catedral de Orense). Siglo XIV*, Memoria de Licenciatura, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

- Lucas Álvarez, Manuel/Lucas Domínguez, Pedro Pablo (1988): “San Pedro de Ramirás. Un monasterio femenino en la Edad Media: Colección diplomática”. *Liceo franciscano* 42.124-126, pp. 1-683.
- Marques, José (1982): “Os pergaminhos da Confraria de S. João do Souto da cidade de Braga (1186-1545)”. *Bracara Augusta* XXXVI.81-82, pp. 71-199.
- Méndez Pérez, José/Otero Piñeyro Maseda, Pablo Santiago/Romaní Martínez, Miguel (2016): *El monasterio de San Salvador de Chantada (siglos XI-XVI). Historia y documentos*, Santiago de Compostela, CSIC - Xunta de Galicia. Cuadernos de Estudios Gallegos, anejo XL.
- Pérez Rodríguez, Francisco Javier (2004): *Os Documentos do Tombo de Toxos Outos*, Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega [<https://consellodacultura.gal/publicacion.php?id=283>; 04/01/2025].
- Recuero Astray, Manuel/González Vázquez, Marta/Romero Portilla, Paz (1998): *Documentos Medievales del Reino de Galicia: Alfonso VII (1116-1157)*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- Rodríguez Fernández, Carlos (1990): *Colección diplomática de San Vicente del Pino*, Tesis Doctoral, Granada: Universidad de Granada.
- Rodríguez Sánchez/González Murado/Doval García (eds.) (2015): *Colección Diplomática III (1183-1315)*, Lugo: Publicaciones Diócesis de Lugo.
- Román, Jerónimo (ed.) (1901): *Colección diplomática de Galicia Histórica*, Santiago de Compostela: Tipografía Galaica [<https://biblioteca.galicianana.gal/es/consulta/registro.do?id=6760>; 04/01/2025].
- Romaní Martínez, Miguel (1989): *Colección diplomática do Mosteiro cisterciense de Santa María de Oseira (Ourense). Vols. I e II (1025-1310)*, Santiago de Compostela: Tórculo.
- Soto Lamas, María Teresa (1992): *La colección diplomática del monasterio cisterciense de Melón, Orense (pergaminos de la catedral de Orense). SS. XII-XIII*, Memoria de Licenciatura, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Souto Cabo, José António (2012): *Os cavaleiros que fizeram as cantigas. Aproximação às origens socioculturais da lírica galego-portuguesa*, Niterói: Universidade Federal Fluminense.
- Vaquero Díaz, María Beatriz/Pérez Rodríguez, Francisco Javier (2010): *Colección documental del Archivo de la Catedral de Ourense (888-1300), Vol. I*, León: Centro de Estudios e Investigación San Isidoro/Caja España de Inversiones/Archivo Histórico Diocesano.
- Vaquero Díaz, María Beatriz (2004): *Colección diplomática do mosteiro de San Salvador de Celanova (ss. XIII-XV). Tomo I (1200-1450)*, Santiago de Compostela: Tórculo.

Estudos

- Barroca, Mário Jorge (2000): *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422) Vol. I*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.

- Bouza Brey, Fermín (1965): “Restos epigráficos de una puente medieval desaparecida”. *Cuadernos de Estudios Gallegos* 20.62, pp. 379-381.
- Bowman, Jeffrey A. (2002): “The Bishop Builds a Bridge: Sanctity and Power in the Medieval Pyrenees”. *The Catholic Historical Review* 88.1, pp. 1-16.
- Conceição, Rúben Filipe Teixeira da (2022): “*Mando et Lego*: as pontes nos testamentos eclesiásticos portugueses (1071 a 1325)”. *Lusitania Sacra* 44, pp. 161-179 [DOI: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2021.10334>].
- Cooper, Alan Ralph (2006): *Bridges, Law and Power in Medieval England, 700-1400*, Martlesham: The Boydell Press.
- Coupland, Simon (1991): “The fortified bridges of Charles the Bald”. *Journal of Medieval History* 17.1, pp. 1-12 [DOI: [https://doi.org/10.1016/0304-4181\(91\)90023-E](https://doi.org/10.1016/0304-4181(91)90023-E)].
- Durán Fuentes, Manuel (2014): “Puentes históricos y vías de comunicación”. *Minus* 22, pp. 81-120.
- Durán Fuentes, Manuel (2013): “El puente romano de Lugo: rehabilitación y nuevos datos históricos-constructivos”. Huerta, Santiago/López Ulloa, Fabián (eds.): *Actas del Octavo Congreso Nacional de Historia de la Construcción*, Madrid: Instituto Juan de Herrera, pp. 243-252.
- Durán Fuentes, Manuel (2004): *La construcción de puentes romanos en Hispania*, Santiago de Compostela: Dirección Xeral de Patrimonio Cultural.
- Ferreira Priegue, Elisa (1988): *Los Caminos Medievales de Galicia*, Ourense: Museo Arqueológico Provincial. Boletín Auriense Anexo 9.
- García Sanjuán, Alejandro (2007): *Till God Inherits the Earth. Islamic Pious Endowments in al-Andalus (9-15th Centuries)*, Leiden: Brill [DOI: <https://doi.org/10.1163/ej.9789004153585.i-549>].
- Ghilardi, Matthieu et al. (2015): “Dating the bridge at Avignon (south France) and reconstructing the Rhone River fluvial palaeolandscape in Provence from medieval to modern times”. *Journal of Archaeological Science* 4, pp. 336-354 [DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2015.10.002>].
- Harrison, David (2004): *The Bridges of Medieval England. Transport and Society 400-1800*, Oxford: Oxford University Press.
- Ibáñez Beltrán, Luis Manuel (2019): *La villa de Monforte y la Tierra de Lemos en la Edad Media*, Tese de Doutoramento, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Ibáñez Beltrán, Luis Manuel (2017): “Del Burgo de Pino a la villa de Monforte en la Tierra de Lemos (siglos XII-XIII)”. *Cuadernos de Estudios Gallegos* 64.130, pp. 141-166. [DOI: <http://dx.doi.org/10.3989/ceg.2017.130.05>].
- Iranzo Muñío, María Teresa (2022): “Obras públicas y poder del Estado. Puentes y murallas en la Corona de Aragón durante la Baja Edad Media”. Laliena Corbera, Carlos/Ortega Ortega, Julián M./ Torre Gonzalo, Sandra de la (coords.): *Arqueología y Arte en la representación material del Estado en la Corona de Aragón (siglos XIII-XV)*, Zaragoza: Universidade de Zaragoza, pp. 315-350.

- Mattoso, José (1992): “O culto dos mortos na Península Ibérica (séculos VII a XI)”. *Lusitania Sacra* 2.4, pp. 13-38.
- Resende, Nuno (2023): “A pontística medieval”. Pérez González, José María (dir.): *Enciclopédia do Românico em Portugal*, Aguilar de Campo: Fundación Santa María la Real, pp. 75-86.
- Rivas Fernández, Juan Carlos (1978): “Los dos antiguos ‘Portos’ fluviales de Orense: el ‘Porto Auriense’ y el ‘Porto Vello’”. *Sus Barcas, Ermitas y Caminos*. *Boletín Auriense* VIII, pp. 215-275.
- Rodríguez Colmenero, Antonio (1976): *La red viária romana del Sudeste de Galicia*, Valladolid: Universidad de Valladolid.
- Ruiz de Loizaga, Saturnino (2008): “Puentes y hospitales en el Camino de Santiago en el Noroeste Peninsular (siglos XIV-XV)”. *Compostellanum* 53, pp. 347-374.
- Thomaz, Luís Filipe F. R. (2001): “Cristãos de São Tomé”. Azevedo, Carlos Moreira (dir.): *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 4, Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 178-187, vol. 4.
- Vaz, João L. Inês (2014): “Pontes e águas: deuses e demónios, medos e esconjuros”. Silva, Carlos Guardado da (coord.): *O Imaginário Medieval*, Torres Vedras: Edições Colibri / Câmara Municipal de Torres Vedras / Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo Alexandre Herculano, pp. 145-159.
- Vilar, Hermínia Vasconcelos/Silva, Maria João Marques (1992): “Morrer e testar na Idade Média: alguns aspectos da testamentaria dos séculos XIV e XV”. *Lusitania Sacra* 2.4, pp. 39-60.

Anexo

Nº	Estrutura	Nº de referências	Referência mais antiga	Referência mais recente	Via ou centro urbano mais próximo
1	Ponte de Ourense	42	1191/06/20	1358/08/27	Ourense
2	Ponte de Lugo	14	1199/06/15	1327/02/26	Lugo
3	Ponte Castrelo do Minho	12	1218/10/15	1361/12/19	Ourense-Ribadavia
4	Ponte Ombreiro	4	1199/06/15	1272/05/23	Lugo
5	Ponte Sampaio	4	1227/04	1272/04	Tui-Compostela
6	Ponte Pias ou Nafonso	3	1220/10/17	1400/07/10	Noia
7	Ponte de Verín	3	1290/01/20	1318/03/02	Chaves-Ourense
8	Ponte Pedriña (Ourense)	2	1208/03/15	1255/03/17	Ourense
9	Ponte de Belesar	2	1241	1309/12	Monforte de Lemos-Chantada
10	Ponte de Brul	1	1227/04	-	Ribadavia-Melón
11	Ponte de Torrón	11	1248/04/01	1282/06/17	Ourense-Monforte de Lemos
12	Ponte de Ribadavia	1	1257/08	-	Ourense-Ribadavia
13	Ponte de Pontevedra	1	1272/04	-	Tui-Compostela
14	Ponte de Ledesma	1	1276/03/08	-	Compostela
15	Ponte de Portomarín	1	1281/12/13	-	Portomarín
16	Ponte Deva	1	1295/08/06	-	Melgaço-Ribadavia
17	Ponte de Monforte de Lemos	1	1333/05/27	-	Monforte de Lemos
18	Ponte em Castro Caldelas	1	1348/10/07	-	Castro Caldelas
19	Ponte de Pontedeume	1	1396/08/28	-	Pontedeume
20	Ponte Maceira	1	1400/07/10	-	Compostela-Fisterra
21	Pontes NID	2	1300/01/16	1347/10/05	-

Tabela 2. Pontes identificadas